

DIÁRIOS do
VAMPIRO

L. J. S M I T H

DIÁRIOS do VAMPIRO

Reunião Sombria

Tradução de
Ryta Vinagre



G A L E R A R E C O R D
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2010

— **A**s coisas podem ser como eram antes — disse Caroline, entusiasmada, estendendo o braço para apertar a mão de Bonnie.

Mas isso não era verdade. Nada nunca mais poderia ser como era antes da morte de Elena. Nada. E Bonnie tinha sérias dúvidas sobre a festa que Caroline estava tentando organizar. Uma sensação perturbadora e vaga na boca do estômago lhe dizia que, por algum motivo, essa era uma ideia muito, mas muito ruim.

— O aniversário de Meredith *já passou* — observou ela. — Foi no último sábado.

— Mas ela não teve festa, não uma festa de verdade, como essa. Vamos ter a noite toda; meus pais só voltam no domingo de manhã. Vamos lá, Bonnie... Pense na surpresa que vai ser para ela.

Ah, ela vai ficar surpresa mesmo, pensou Bonnie. Tão surpresa que pode até querer me matar depois.

— Olha, Caroline, o motivo para Meredith não ter dado uma grande festa é que ela ainda não está em clima de comemoração. Parece... falta de respeito, de certo modo...

— Mas isso é um *erro*. Elena ia querer que a gente se divertisse, você sabe disso. Ela adorava festas. E odiaria saber que ficamos sentadas e chorando mais de seis meses depois de ela ter morrido. — Caroline se inclinou para a frente, os olhos verdes normalmente felinos agora francos e convincentes. Nada de artifícios nem da habitual manipulação desagradável de Caroline. Bonnie sabia que ela estava sendo sincera.

— Eu queria que fôssemos amigas como éramos antes — disse Caroline. — Sempre comemorávamos nossos aniversários juntas, só nós quatro, lembra? E lembra que os garotos sempre tentavam invadir nossas festas? Será que vão tentar esse ano?

Bonnie sentiu o controle da situação lhe escapar. Era uma má ideia, esta era uma péssima ideia, pensou ela. Mas Caroline continuava, com um olhar sonhador e quase romântico, lembrando dos bons e velhos tempos. Bonnie não teve coragem de dizer a ela que os bons e velhos tempos estavam tão mortos quanto a música disco.

— Mas nem somos mais quatro. Três não dão lá uma festa muito boa — protestou ela bem baixinho quando conseguiu dizer alguma coisa.

— Vou convidar a Sue Carson também. Meredith se dá bem com ela, né?

Bonnie tinha de admitir que sim; todo mundo se dava bem com Sue. Mas mesmo assim, Caroline precisava entender que as coisas não podiam ser como antes. Não se pode substituir Elena por Sue Carson e dizer, pronto, agora está tudo consertado.

Mas como explicar isso a Caroline?, pensou Bonnie. De repente ela teve uma ideia.

— Vamos convidar Vickie Bennett — disse ela.

Caroline a olhou.

— *Vickie Bennett?* Deve estar brincando. Convidar aquela idiotinha esquisita que tirou a roupa na frente de metade da escola? Depois de tudo o que aconteceu?

— *Por causa* de tudo o que aconteceu — disse Bonnie com firmeza. — Olha, sei que ela nunca foi da nossa turma. Mas ela não está mais com aquela galera barra pesada; eles não a querem e ela morre de medo deles. Ela precisa de amigos. Nós precisamos de gente. Vamos convidá-la.

Por um momento, Caroline ficou frustrada. Bonnie empinou o queixo, pôs as mãos nos quadris e esperou. Por fim, Caroline suspirou.

— Tudo bem; você venceu. Vou convidá-la. Mas você tem que levar Meredith na minha casa no sábado à noite. E Bonnie... Cuide para que ela não tenha a menor ideia do que vai acontecer. Quero que seja uma surpresa de verdade.

— Ah, e será mesmo — disse Bonnie, de cara amarrada. Ela não estava preparada para a luz repentina na expressão de Caroline ou o calor impulsivo de seu abraço.

— Que bom que você finalmente começou a ver as coisas do meu jeito — disse Caroline. — E vai ser tão bom a gente se reunir de novo.

Ela não entendeu nada, percebeu Bonnie, chocada, enquanto Caroline se afastava. O que será que vou ter de fazer para explicar? Dar um soco nela?

E depois: Ah, meu Deus, agora tenho que contar a Meredith.

Mas, no fim do dia, ela decidiu que talvez Meredith não precisasse saber. Caroline queria surpreender Meredith; bom, talvez Bonnie devesse dar essa surpresa a ela. Assim pelo menos Meredith não teria de se preocupar com isso de antemão. Sim, concluiu Bonnie, devia ser mais generoso *não* contar nada a Meredith.

E quem sabe, escreveu ela no diário na sexta à noite. *Talvez eu esteja sendo dura demais com Caroline. Talvez ela lamente de verdade por todas as coisas que nos fez, tipo tentar humilhar Elena na frente de toda a cidade ou tentar fazer com que Stefan fosse acusado de assassinato. Talvez Caroline tenha amadurecido desde então e tenha aprendido a pensar nos outros, não só em si mesma. Talvez a gente realmente consiga se divertir nessa festa.*

E talvez eu seja abduzida por alienígenas amanhã à tarde, pensou Bonnie ao fechar o diário. Só o que lhe restava era a esperança.

O diário era um caderno barato, a capa estampada de florzinha. Ela só começou a escrever quando Elena morreu, mas já estava meio viciada nisso. Era o único lugar em que podia dizer o que quisesse sem que os outros ficassem chocados e dissessem, “Bonnie McCullough!” ou “Ah, *Bonnie*”.

Ela ainda estava pensando em Elena quando apagou a luz e se aninhou debaixo das cobertas.

Ela estava sentada no gramado bonito e bem cuidado que se estendia para todo lado, até onde a vista alcançava. O céu era de um azul impecável, o ar era cálido e perfumado. Passarinhos cantavam.

“Que bom que você pôde vir”, disse Elena.

“Ah... sim”, disse Bonnie. “Bom, naturalmente eu viria. É claro.” Ela olhou em volta de novo, depois apressadamente para Elena.

“Mais chá?”

Havia uma xícara na mão de Bonnie, fina e frágil como casca de ovo.

“Ah... Sim. Obrigada.”

Elena estava com um vestido do século XVIII de musselina branca de gaze, que se grudava em sua pele, mostrando como era magra. Serviu o chá com precisão, sem derramar uma gota.

“Gostaria de um rato?”

“Um *o quê?*”

“Eu disse: gostaria de um sanduíche para acompanhar o chá?”

“Ah. Um sanduíche. Sim. Ótimo.” Era de pepino, em fatias finas com maionese em um delicado quadrado de pão branco. Sem a casca.

A cena toda era tão bela e cintilante quanto uma tela de Seurat. Warm Springs, era onde estávamos. O antigo parque de

piquenique, pensou Bonnie. Mas, sem dúvida, temos coisas mais importantes a discutir do que o chá.

“Quem tem arrumado seu cabelo ultimamente?”, perguntou Bonnie. Elena jamais conseguiu fazer isso sozinha.

“Você gosta?” Elena pôs a mão no cabelo sedoso e dourado-claro que formava um coque na nuca.

“É perfeito”, disse Bonnie, parecendo por tudo no mundo a própria mãe num jantar das Filhas da Revolução Americana.

“Bom, o cabelo é importante, sabia?” Seus olhos brilharam com um azul mais escuro do que o céu, de lápis-lazúli. Bonnie tocou os cachos ruivos e abundantes, meio constrangida.

“É claro que o sangue também é importante”, disse Elena.

“Sangue? Ah, sim... claro”, disse Bonnie, aturdida. Não fazia ideia do que Elena estava falando e lhe parecia que estavam andando numa corda bamba acima de crocodilos. “Sim, o sangue de fato é muito importante”, concordou ela, desanimada.

“Mais um sanduíche?”

“Obrigada.” Este era de queijo com tomate. Elena escolheu um para si, mordendo-o delicadamente. Bonnie a olhou, sentindo a inquietação crescer a cada minuto dentro de si, e depois...

E depois ela viu a lama vazando pelas beiradas do sanduíche.

“O que... *O que é isso?*” O pavor deixou sua voz estridente. Pela primeira vez, o sonho parecia um sonho e Bonnie descobriu que não conseguia se mexer, só ofegar e olhar. Uma massa espessa da coisa marrom caiu do sanduíche de Elena, sobre a toalha xadrez de mesa. Era lama mesmo. “Elena... Elena, o que...”

“Ah, nós comemos isso por aqui.” Elena sorriu com os dentes sujos de marrom. Só que a voz não era de Elena; era feia e distorcida, e era uma voz masculina. “Você vai comer também.”

O ar não era mais cálido e perfumado; era quente e de um doce enjoativo, tinha cheiro de lixo podre. Havia covas escuras no gramado, que não era aparado e crescia desordenadamente. Não era Warm Springs. Ela estava no antigo cemitério — como não tinha percebido isso? Só que os túmulos eram novos.

“Mais um rato?”, disse Elena, e riu de forma obscena.

Bonnie olhou o sanduíche meio comido em sua mão e gritou. Havia um rabo marrom e viscoso pendurado na ponta. Ela o atirou com toda força que conseguiu reunir em uma lápide, na qual ele bateu e se espatifou. Depois ela se levantou, o estômago revirado, esfregando os dedos freneticamente no jeans.

“Não pode ir embora agora. Os convidados estão chegando.” O rosto de Elena se transformava; ela já havia perdido o cabelo, e sua pele ficava aos poucos cinza e curtida. Coisas se mexiam no prato de sanduíches e nas covas, agora abertas. Bonnie não queria ver nada disso; achou que, se visse, ia enlouquecer.

“Você não é a Elena!”, gritou ela, e correu.

O vento jogou o cabelo em seus olhos e ela não conseguia enxergar. O perseguidor estava atrás dela; Bonnie podia sentir, bem atrás. Para a ponte, pensou Bonnie, correndo até esbarrar em alguma coisa.

“Estive esperando por você”, disse a coisa com o vestido de Elena, a coisa esquelética e cinza com dentes compridos e tortos. “Bonnie, me escute.” Isso a reteve com uma força terrível.

“Você não é Elena! Você não é Elena!”

“Ouça, Bonnie!”

Era a voz de Elena, a verdadeira voz de Elena, não parecia satisfeita e sorridente, nem densa e fria, mas urgente. Vinha de algum lugar atrás de Bonnie e cortou o sonho como um vento frio e fresco. “Bonnie, preste atenção, rápido...”

Tudo se desmanchava. As mãos ossudas nos braços de Bonnie, o cemitério rastejante, o ar quente e rançoso. Por um momento a voz de Elena ficou clara, mas era entrecortada como uma ligação interurbana ruim.

“... Ele está distorcendo as coisas, alterando tudo. Não sou tão forte quanto ele...” Bonnie perdeu algumas palavras, “... mas isto é importante. Você precisa descobrir... agora”. A voz dela sumia aos poucos.


“Elena, não estou ouvindo! Elena!”

“... um feitiço fácil, só dois ingredientes, aqueles que já disse...”

“Elena!”

Bonnie ainda gritava ao se sentar na cama.

2

—  tudo o que me lembro — concluiu Bonnie enquanto ela e Meredith andavam pela Sunflower Street em meio a fileiras de casas vitorianas altas.

— Mas era mesmo Elena?

— Era, e no final ela tentou me dizer alguma coisa. Mas essa parte não ficou clara, só que era importante, importante de verdade. O que você acha?

— Sanduíches de rato e covas abertas? — Meredith arqueou uma sobrancelha elegante. — Acho que você está misturando Stephen King com Lewis Carroll.

Bonnie achou que Meredith devia ter razão. Mas o sonho ainda a incomodava, espreitando-a o dia todo, o suficiente para tirar as preocupações anteriores de sua cabeça. Agora, enquanto ela e Meredith se aproximavam da casa de Caroline,

as antigas preocupações voltaram — de forma intensa e violenta.

Devia ter contado a Meredith sobre isso, pensou Bonnie, lançando olhares de esguelha e inquietos para a menina mais alta. Não devia deixar que Meredith entrasse lá despreparada...

Meredith levantou a cabeça, olhando as janelas iluminadas da casa Queen Anne com um suspiro.

— Você precisa *mesmo* daqueles brincos para hoje?

— Sim, preciso; sim, totalmente. — Tarde demais. Podia muito bem aproveitar isso ao máximo. — Você vai adorar quando os vir — acrescentou ela, ouvindo o tom de desespero esperançoso na própria voz.

Meredith parou e seus olhos escuros e perspicazes examinaram atentamente a cara de Bonnie. Depois bateu na porta.

— Só espero que Caroline não esteja em casa. A gente pode acabar tendo que ficar com ela.

— Caroline, em casa no sábado à noite? Não seja ridícula. — Bonnie tinha prendido a respiração por tempo demais; estava começando a ficar tonta. Seu riso saiu fraco e falso. — Que ideia — continuou ela um tanto histericamente enquanto Meredith dizia, “Acho que não *tem ninguém* em casa” e experimentava a maçaneta. Tomada por um impulso louco, Bonnie acrescentou: — Ta-tááááá.

Com a mão na maçaneta, Meredith ficou paralisada e se virou para Bonnie.

— Bonnie — disse ela, baixinho —, você tá maluca?

— Não. — Sem graça, Bonnie pegou o braço de Meredith e encarou com urgência seus olhos. A porta se abria sozinha. — Ah, meu Deus, Meredith, por favor, não me mate...

— *Surpresa!* — gritaram três vozes.

— Sorria — sibilou Bonnie, empurrando pela porta a amiga subitamente resistente. Entraram na sala iluminada, cheia de barulho com uma chuva de confetes de boas-vindas. Ela abriu um sorriso desvairado e falou entredentes. — Me mate depois... eu mereço... mas agora, só sorria.

Havia balões, uma decoração sofisticada, e um monte de presentes na mesa de centro. Havia até um arranjo de flores, embora Bonnie tenha percebido que as orquídeas combinavam perfeitamente com o cachecol verde-claro de Caroline. Era de seda, Hermès, com padrão de uvas e folhas. Aposto que ela vai acabar usando uma daquelas orquídeas no cabelo, pensou Bonnie.

Os olhos azuis de Sue Carson estavam meio ansiosos, o sorriso hesitante.

— Espero que não tenha nenhum grande plano para esta noite, Meredith — disse ela.

— Nada que não possa deixar para depois — respondeu Meredith. Mas ela sorria também, com uma cordialidade irônica, e Bonnie relaxou. Sue foi a princesa do Baile na corte de Elena, junto com Bonnie, Meredith e Caroline. Foi a única menina da escola, além de Bonnie e Meredith, que deu apoio a Elena quando todo mundo virou as costas a ela. Nos funerais, ela disse que Elena sempre seria a verdadeira rainha da Robert E. Lee, e desistira de sua candidatura para Rainha da Neve em memória de Elena. Ninguém podia odiar Sue. O pior já passou, pensou Bonnie.

— Quero tirar uma foto de todas nós juntas no sofá — disse Caroline, posicionando-as atrás do arranjo de flores. — Vickie, você pode tirar?

Vickie Bennett tinha ficado num canto, em silêncio, sem ser percebida. Agora disse, “Ah, claro” e, nervosa, tirou o cabelo castanho-claro e comprido dos olhos enquanto pegava a câmera.

Como se fosse uma espécie de serviçal, pensou Bonnie, depois o flash a ofuscou.

Enquanto a polaroide processava a foto e Sue e Caroline riam e contornavam o comportamento seco de Meredith, Bonnie percebeu outra coisa. Era uma boa foto; Caroline estava deslumbrante, como sempre, com o cabelo castanho-arruivado cintilante e as orquídeas verdes-claras diante dela. E havia Meredith, parecendo resignada, irônica e sombriamente bonita sem precisar se esforçar, e ela mesma, com a cabeça mais baixa do que a das outras, os cachos ruivos desgrenhados e uma expressão tímida. Mas o estranho era a figura ao lado delas no sofá. Era Sue, é claro que era Sue, mas por um momento o cabelo louro e os olhos azuis pareciam pertencer a outra pessoa. Alguém que olhava para ela com urgência, prestes a dizer algo importante. Bonnie franziu o cenho para a foto, piscando rapidamente. A imagem oscilou diante de seus olhos e um arrepio de mal-estar correu por sua espinha.

Não, era apenas Sue na foto. Por um minuto ela deve ter ficado maluca, ou estava se deixando afetar pelo desejo de Caroline de que elas “ficassem juntas de novo”.

— Vou tirar a próxima — disse ela, levantando-se num salto. — Sente-se, Vickie. Não, mais longe, mais longe... Aí! — To-

dos os movimentos de Vickie eram rápidos, leves e nervosos. Quando o flash se apagou, ela olhava como um animal assustado prestes a fugir.

Caroline mal olhou esta foto, levantando-se e indo para a cozinha.

— Em vez de bolo, adivinha o que eu preparei? — disse ela. — Estou fazendo minha própria versão de uma sobremesa de matar. Vamos, vocês têm de me ajudar a derreter a calda. — Sue a seguiu e, depois de uma pausa insegura, Vickie também.

Os últimos vestígios da expressão simpática de Meredith evaporaram e ela se virou para Bonnie.

— Devia ter me contado.

— Eu sei. — Bonnie baixou a cabeça docilmente por um minuto. Depois a levantou e sorriu. — Mas você não teria vindo e nós não provaríamos uma sobremesa de matar.

— Então vale a pena?

— Bem, ajuda — disse Bonnie, com um ar racional. — Na verdade, não deve ser tão ruim. Caroline está mesmo tentando ser legal e é bom para Vickie sair de casa de vez em quando...

— Não parece que está sendo bom para ela — disse Meredith, asperamente. — Parece que ela vai ter um ataque cardíaco.

— Ué, ela só deve estar nervosa. — Na opinião de Bonnie, Vickie tinha bons motivos para ficar nervosa. Ela passou a maior parte do outono anterior em transe, sendo lentamente enlouquecida por um poder que não compreendia. Ninguém esperava que sáísse disso tão bem.

O olhar de Meredith ainda era gélido.

— Pelo menos — disse Bonnie, num tom de consolo — não é seu aniversário de verdade.

Meredith pegou a câmera e ficou virando repetidamente. Ainda olhando as próprias mãos, ela disse:

— Mas é.

— Como? — Bonnie olhou e disse mais alto: — *O que foi* que você disse?

— Eu disse que é meu aniversário de verdade. A mãe de Caroline deve ter contado; ela e minha mãe foram amigas há um tempão.

— Meredith, do que está falando? Seu aniversário foi na semana passada. No dia 30 de maio.

— Não foi, não. É hoje, 6 de junho. É verdade; está na minha carteira de motorista e tudo. Meus pais começaram a comemorar uma semana antes porque 6 de junho era um dia perturbador demais para eles. Foi o dia em que meu avô foi atacado e ficou louco. — Enquanto Bonnie arfava, incapaz de falar, ela acrescentou calmamente: — Ele tentou matar minha avó, sabe como é. Tentou me matar também. — Meredith pôs a câmera com cuidado no meio da mesa de centro. — A gente tem que ir para a cozinha — disse ela em voz baixa. — Sinto cheiro de chocolate.

Bonnie ainda estava paralisada, mas sua mente começava a funcionar de novo. Ela se lembrava vagamente de Meredith falando disso, mas na época não contou toda a verdade. E ela não tinha dito quando aconteceu.

— Atacado... Quer dizer, como Vickie foi atacada — soltou Bonnie. Ela não conseguia dizer a palavra *vampiro*, mas sabia que Meredith entendia.

— Como Vickie foi atacada — confirmou Meredith. — Vamos — acrescentou ela, num tom ainda mais baixo. — Elas estão esperando a gente. Eu não pretendia perturbar você.

Meredith não queria me deixar perturbada, então não vou ficar perturbada, Bonnie disse para si mesma, despejando calda quente na sobremesa de chocolate. Embora sejamos amigas desde a primeira série e ela nunca tenha me contado esse segredo.

Por um instante, sua pele se arrepiou e flutuaram palavras nos cantos escuros de sua mente. *Ninguém é o que parece*. Ela havia sido avisada no ano passado pela voz de Honoria Fell falando através dela, e a profecia se provou assustadoramente verdadeira. E se ainda não tivesse acabado?

Depois Bonnie balançou a cabeça, decidida. Não podia pensar nisso agora; tinha de pensar na *festa*. E vou cuidar para que seja uma *boa festa* e que a gente se entenda bem, pensou ela.

Estranhamente, não foi assim tão difícil. Meredith e Vickie não falaram muito no início, mas Bonnie fez o que pôde para ser legal com Vickie, e nem Meredith conseguiu resistir à pilha de presentes na mesa de centro. Quando abriu o último, todas já conversavam e riam. O espírito de trégua e tolerância continuou enquanto elas iam para o quarto de Caroline olhar suas roupas, CDs e álbuns de fotos. Já era quase meia-noite e elas se jogaram em sacos de dormir, ainda conversando.

— Por onde anda Alaric ultimamente? — perguntou Sue a Meredith.

Alaric Saltzman era namorado de Meredith — mais ou menos. Era formado na Universidade Duke com especialização em parapsicologia, e tinha sido chamado a Fell's Church no ano passado, quando começaram os ataques de vampiros. Embora no início fosse um inimigo, ele acabou sendo um aliado — e um amigo.

— Ele está na Rússia — disse Meredith. — Perestroika, sabe? Ele foi para lá para descobrir o que fizeram com os paranormais durante a Guerra Fria.

— O que vai dizer a ele quando voltar? — perguntou Caroline.

Esta era uma pergunta que a própria Bonnie queria ter feito a Meredith. Como Alaric era quase quatro anos mais velho, Meredith disse a ele para esperar até que ela se formasse para falar do futuro dos dois. Mas hoje Meredith completa 18 anos, lembrou-se Bonnie, e a formatura seria dali a duas semanas. O que ia acontecer depois disso?

— Ainda não decidi — disse Meredith. — Alaric quer que eu vá para a Duke e eu fui aceita lá, mas não tenho certeza. Preciso pensar.

Bonnie ficou radiante. Ela queria que Meredith fosse para o Boone Junior College com *ela*, e não fosse embora e se casasse, nem mesmo ficasse noiva. Era idiotice se comprometer com alguém assim tão jovem. A própria Bonnie era famosa porque sua fila andava, indo de menino a menino, a seu bel-prazer. Ela se apaixonava com facilidade e os superava com igual facilidade.

— Ainda não conheci um cara que valesse a fidelidade — dizia agora.

Todas a olharam rapidamente. Sue perguntou com o queixo pousado nos punhos:

— Nem Stefan?

Bonnie devia ter previsto. Sob a luz fraca do abajur e o único som do farfalhar de folhas novas nos salgueiros do lado de fora, era inevitável que a conversa se voltasse para Stefan — e para Elena.

Stefan Salvatore e Elena Gilbert já eram uma espécie de lenda na cidade, como Romeu e Julieta. Quando Stefan chegou a Fell's Church, toda menina o queria. E Elena, a mais linda, mais popular e mais inacessível menina da escola, o queria também. Ela só percebeu o perigo depois de conseguir. Stefan não era o que parecia — tinha um segredo muito mais sombrio do que qualquer pessoa poderia imaginar. E tinha um irmão, Damon, ainda mais misterioso e perigoso do que ele. Elena ficou entre os dois irmãos, amando Stefan, mas atraída irresistivelmente para o furor apaixonado de Damon. No final, ela morreu para salvar os dois e redimir o amor fraterno entre eles.

— Talvez Stefan... Se fosse Elena — murmurou Bonnie, capitulando. O astral tinha mudado. Agora estava tudo silencioso, meio triste, perfeito para confidências noturnas.

— Ainda não acredito que ela se foi — disse Sue em voz baixa, balançando a cabeça e fechando os olhos. — Ela era muito mais cheia de vida do que os outros.

— A chama dela ardia mais forte — disse Meredith, olhando os padrões do abajur rosa e dourado no teto. Sua voz era baixa mas intensa, e parecia a Bonnie que aquelas palavras descreviam Elena melhor do que qualquer outra que tivesse ouvido.

— Algumas vezes eu a odiava, mas nunca pude ignorá-la — admitiu Caroline, os olhos verdes semicerrados com a lembrança. — Ela não era alguém que se pudesse ignorar.

— Uma coisa eu aprendi com a morte dela — disse Sue —, é que isso podia ter acontecido a qualquer uma de nós. Não se pode desperdiçar nada da vida porque nunca se sabe quanto tempo vamos durar.

— Pode ser sessenta anos ou sessenta minutos — concordou Vickie em voz baixa. — Qualquer uma de nós pode morrer esta noite.

Bonnie se remexeu, perturbada. Mas antes que pudesse dizer alguma coisa, Sue repetiu:

— Ainda não acredito que ela morreu. Às vezes sinto que ela está perto da gente, em algum lugar.

— Ah, eu também — disse Bonnie, distraída. Uma imagem de Warm Springs lampejou por sua mente e, por um momento, parecia mais nítida do que o quarto sombrio de Caroline. — Na noite passada, sonhei com Elena e tive a sensação de que ela *estava mesmo* ali, tentando me dizer alguma coisa. Ainda tenho essa sensação — disse ela a Meredith.

As outras observavam em silêncio. Antigamente, todas teriam feito piada se Bonnie sugerisse alguma coisa sobrenatural, mas não agora. Seus poderes paranormais eram inquestionáveis, incríveis e meio apavorantes.

— É mesmo? — sussurrou Vickie.

— O que acha que ela tentava dizer? — perguntou Sue.

— Não sei. No final ela se esforçava ao máximo para manter o contato comigo, mas não conseguiu.

Houve outro silêncio. Por fim Sue disse, hesitante, com uma leve empolgação na voz:

— Você acha... acha que pode fazer contato com *ela*?

Era o que todas se perguntavam. Bonnie olhou para Meredith. Antes, Meredith menosprezara o sonho, mas agora fitava Bonnie nos olhos com seriedade.

— Não sei — disse Bonnie devagar. Visões do pesadelo giravam em volta dela. — Não quero entrar em transe e me abrir ao que pode estar lá fora, disso eu tenho certeza.

— É a única maneira de se comunicar com os mortos? O que acha de uma tábua Ouija ou coisa assim? — perguntou Sue.

— Meus pais têm uma tábua Ouija — disse Caroline, meio alto demais. De repente o clima de silêncio e reserva foi rompido e uma tensão indefinível encheu o ar. Todas se sentaram mais retas e se olharam especulativamente. Até Vickie parecia intrigada, apesar de seu pavor.

— Será que daria certo? — Meredith questionou Bonnie.

— E será que a gente deve tentar? — perguntou-se Sue em voz alta.

— A gente se atreveria? Esta é a questão — disse Meredith. Mais uma vez Bonnie se viu olhando para ela. Ela hesitou um instante, depois deu de ombros. A excitação agitava seu estômago.

— E por que não? — disse Bonnie. — O que temos a perder? Caroline se virou para Vickie.

— Vickie, tem um armário no pé da escada. A tábua Ouija deve estar lá dentro, na prateleira de cima, com um monte de outros jogos.

Ela nem teve tempo de dizer, “Por favor, pode pegar?” Bonnie franziu a testa e abriu a boca, mas Vickie já estava na porta.

— Você podia ser mais educada — disse Bonnie a Caroline. — O que é isso, uma imitação da madrasta malvada da Cinderela?

— Ah, tenha dó, Bonnie — disse Caroline com impaciência. — Ela tem sorte por ter sido convidada. *E sabe* disso.

— E eu aqui pensando que ela veio por nosso esplendor coletivo — disse Meredith num tom seco.

— E além de tudo... — Bonnie começou, mas foi interrompida. O barulho era agudo, estridente e perdia sua força no final, mas não havia como confundir. Era um grito. Foi seguido por um silêncio mortal e de repente por uma torrente de gritos penetrantes.

Por um instante, as meninas ficaram paralisadas no quarto. Depois todas dispararam pelo corredor e desceram a escada.

— Vickie! — Meredith, com suas pernas longas, chegou ao pé da escada primeiro. Vickie estava diante do armário, os braços estendidos como que para proteger o rosto. Agarrou-se a Meredith, ainda gritando.

— Vickie, o que foi? — perguntou Caroline, parecendo mais irritada do que assustada. Havia caixas de jogos espalhados pelo chão, e peças de Banco Imobiliário e cartões de Master em toda parte. — Por que está gritando?

— Uma coisa me agarrou! Eu estava alcançando a primeira prateleira e algo me segurou pelo pulso!

— De trás?

— Não! De dentro do armário.

Sobressaltada, Bonnie olhou o interior do armário aberto. Casacos de inverno estavam pendurados numa camada impenetrável, alguns chegando ao chão. Desembaraçando-se delicadamente de Vickie, Meredith pegou um guarda-chuva e começou a futucar os casacos.

— Ah, não... — começou Bonnie involuntariamente, mas o guarda-chuva só encontrou a resistência da roupa. Meredith o usou para empurrar os casacos de lado e revelou a madeira crua da parede do armário.

— Está vendo? Não tem ninguém ali — disse ela, com ânimo. — Mas você sabe como são essas mangas de casaco. Se você se inclinar muito entre elas, aposto que pode sentir os braços de alguém se fechando em você.

Vickie avançou um passo, tocando uma manga pendurada, depois olhando a prateleira de cima. Pôs as mãos no rosto, o longo cabelo sedoso envolvendo seu rosto. Por um instante medonho Bonnie pensou que ela estivesse chorando, depois ouviu suas risadas.

— Ah, meu Deus! Eu pensei mesmo... Ah, que idiotice a minha! Vou arrumar tudo — disse Vickie.

— Depois — disse Meredith com firmeza. — Vamos para a sala.

Bonnie conferiu uma última vez o armário enquanto as meninas saíam dali.

Quando estavam todas reunidas em volta da mesa de centro, com várias lâmpadas apagadas para dar o clima, Bonnie pôs os dedos de leve sobre o pequeno indicador de plástico.

Nunca tinha usado uma tábua Ouija, mas sabia como se fazia. O indicador se mexia, apontando letras e soletrando uma mensagem — isto é, se os espíritos estivessem dispostos a falar.

— Todo mundo tem que tocar aqui — disse Bonnie, e viu as outras obedecerem. Os dedos de Meredith eram longos e mais finos, os de Sue magros e encimados por unhas ovais. As unhas de Caroline eram pintadas num tom de cobre brilhante. As de Vickie eram roídas.

— Agora vamos fechar os olhos e nos concentrar — disse Bonnie em voz baixa. Houve alguns silvos de expectativa enquanto as meninas obedeciam; todas estavam entrando no clima.

— Pensem em Elena. Imaginem Elena. Se ela estiver lá fora, queremos atraí-la para cá.

A sala grande ficou silenciosa. No escuro, por trás das pálpebras fechadas, Bonnie viu cabelos louros claros e olhos de lápis-lazúli.

— Venha, Elena — sussurrou ela. — Fale comigo.

O indicador começou a se mexer.

Nenhuma delas podia estar guiando; todas exerciam pressão de diferentes pontos. No entanto, o pequeno triângulo de plástico deslizava suavemente, com segurança. Bonnie ficou de olhos fechados até que o indicador parou. Apontava para *Sim*.

Vickie soltou o que parecia um leve soluço.

Bonnie observou as outras. Caroline tinha a respiração acelerada, os olhos verdes semicerrados. Sue era a única que mantinha os olhos resolutamente fechados. Meredith estava pálida.

Todas esperavam que ela soubesse o que fazer.

— Continuem concentradas — disse Bonnie. Ela se sentia despreparada e meio idiota, falando com o vento. Mas era a especialista; precisava fazer isso.

— É você, Elena? — perguntou.

O indicador descreveu um pequeno círculo e voltou ao *Sim*.

De repente, o coração de Bonnie batia com tanta força que ela teve medo de que seus dedos tremessem. O plástico na ponta dos dedos parecia diferente, quase eletrificado. Como se uma energia sobrenatural fluísse por ele. Ela não se sentia mais uma idiota. Lágrimas tomaram seus olhos e ela podia ver que os olhos de Meredith também cintilavam. Meredith assentiu para Bonnie.

— Como podemos ter certeza? — dizia Caroline, alto, desconfiada. Caroline não caiu nessa, percebeu Bonnie; ela não sentia como eu. Do ponto de vista paranormal, ela era um fracasso.

O indicador se mexeu de novo, agora tocando letras, com tanta rapidez que Meredith mal teve tempo de entender a mensagem. Mesmo sem pontuação e acentuação, era clara:

CAROLINE NAO SEJA IMBECIL TEM SORTE POR EU FALAR COM VOCE

— Essa é a Elena mesmo — disse Meredith secamente.

— Parece ela, mas...

— Ah, cala a boca, Caroline — disse Bonnie. — Elena, estou tão feliz... — Sua garganta se fechou e ela tentou de novo.

BONNIE NAO HA TEMPO PARE DE CHORAMINGAR E VAMOS AO QUE INTERESSA

E *essa* era Elena também, Bonnie fungou e continuou.

— Eu tive um sonho com você ontem à noite.

CHA

— Sim, chá. — O coração de Bonnie batia mais rápido do que nunca. — Eu queria falar com você, mas as coisas ficaram estranhas e depois perdemos contato...

BONNIE NAO ENTRE EM TRANSE SEM TRANSES SEM TRANSES

— Tudo bem. — Isso respondia à pergunta e ela ficou aliviada por ouvir.

INFLUENCIAS PERVERSAS DISTORCENDO NOSSA COMUNICACAO COISAS RUINS MUITO RUINS AQUI

— Tipo o quê? — Bonnie se aproximou mais da tábua. — Tipo o quê?

NAO HA TEMPO! O indicador pareceu acrescentar o ponto de exclamação. Sacudia violentamente de uma letra a outra como se Elena mal pudesse conter a impaciência. ELE ESTA OCUPADO POSSO FALAR AGORA MAS NAO HA MUITO TEMPO ESCUTE QUANDO PARARMOS SAIAM DA CASA RAPIDO VOCES CORREM PERIGO

— Perigo? — repetiu Vickie, dando a impressão de que ia saltar da cadeira e correr.

ESPEREM PRIMEIRO ESCUTEM A CIDADE TODA CORRE PERIGO

— O que vamos fazer? — disse Meredith de imediato.

VOCES PRECISAM DE AJUDA E DEMAIS PARA VOCES INCRIVELMENTE FORTE AGORA ESCUTEM E SIGAM AS INSTRUCOES PRECISAM FAZER UM FEITICO DE INVOCACAO E OS PRIMEIROS INGREDIENTES SAO C...

De repente, o indicador escapou das letras e voou como louco pela tábua. Apontou para a imagem estilizada da lua, depois o sol, depois para as palavras *Parker Brothers, Inc.*

— Elena!

O indicador voltou às letras.

MAIS UM RATO MAIS UM RATO MAIS UM RATO

— O que está havendo? — Sue exclamou, os olhos agora arregalados.

Bonnie teve medo. O indicador pulsava de energia, uma energia sombria e feia, como piche fervente que grudava nos dedos. Mas ela também podia sentir o fio prateado e trêmulo: a presença de Elena lutando.

— Não soltem! — gritou ela, desesperada. — Não tirem a mão!

RATOLAMATEMATA, a tábua recitou, veloz. SANGUE-SANGUESANGUE. E depois... BONNIE SAIA CORRA ELE ESTA AQUI FUJA FUJA FU...

O indicador deu solavancos furiosos, escapando dos dedos de Bonnie e saindo de seu alcance, voando pela tábua e pelo ar como se alguém o tivesse atirado. Vickie gritou. Meredith pulou de pé.

Então todas as luzes se apagaram, mergulhando a casa na completa escuridão.

3

Qus gritos de Vickie ficaram descontrolados. Bonnie podia sentir o pânico subindo pelo peito, dominando-a. — Vickie, pare! Vamos, temos que sair daqui! — Meredith gritava para ser ouvida. — Caroline, é a sua casa; todo mundo de mãos dadas e você nos leva para a porta da frente.

— Tudo bem — disse Caroline. Ela não parecia tão apavorada quanto as outras. Esta era a vantagem de não ter imaginação, pensou Bonnie. Não se podia imaginar as coisas terríveis que iam te acontecer.

Ela se sentiu melhor com a mão fria e estreita de Meredith apertando a dela. Ela tateou o outro lado e pegou a mão de Caroline, sentindo suas unhas compridas e firmes.

Bonnie não conseguia enxergar nada. A essa altura, seus olhos deviam ter se adaptado ao escuro, mas ela não conse-

guia distinguir nem um fiapo de luz ou sombra quando Caroline começou a guiá-las. Não havia luz da rua entrando pelas janelas; o Poder parecia estar em toda parte. Caroline xingou, esbarrando em algum móvel, e Bonnie esbarrou nela.

Vickie gemia levemente atrás na fila.

— Aguenta — sussurrou Sue. — Aguenta, Vickie, a gente vai conseguir.

Elas fizeram um progresso lento e laborioso pelo escuro. Depois Bonnie sentiu lajota sob os pés.

— Este é o hall da frente — disse Caroline. — Fiquem aqui um minuto enquanto acho a porta. — Seus dedos se soltaram dos de Bonnie.

— Caroline! Não solte... Aonde você vai? Caroline, me dê sua mão! — gritou Bonnie, Tateando freneticamente como uma cega.

No escuro, uma coisa grande e úmida prendeu seus dedos. Era a mão de alguém. E não era de Caroline.

Bonnie gritou.

Vickie de imediato a acompanhou, berrando como louca. A mão úmida e quente puxava Bonnie para a frente. Ela esperneou, lutando, mas não fez diferença. Depois sentiu os braços de Meredith em sua cintura, pegando-a por trás. E Bonnie finalmente se libertou da mão grande que a segurava.

Em seguida ela estava se virando e correndo, só correndo, mal percebendo que Meredith estava ao lado. Bonnie não tinha consciência nenhuma de que ainda gritava, até que uma poltrona grande impediu seu progresso e ela se ouviu.

— Silêncio! Bonnie, silêncio, para! — Meredith a sacudia. As duas tinham deslizado do encosto da poltrona para o chão.

— Uma coisa me pegou! Uma coisa me pegou, Meredith!

— Eu sei. Fica quieta! Ainda está por aqui — disse Meredith. Bonnie pressionou o rosto no ombro de Meredith para não gritar de novo. E se aquilo estivesse na sala com elas?

Os segundos se arrastaram e o silêncio se adensava em volta delas. Por mais que Bonnie se esforçasse, não conseguia ouvir som nenhum, só a própria respiração e o bater surdo de seu coração.

— Escute! Temos que achar a porta dos fundos. Agora acho que estamos na sala de estar. Isso quer dizer que a cozinha fica bem atrás da gente. Temos que chegar lá — disse Meredith em voz baixa.

Bonnie começou a assentir, infeliz, mas de repente ergueu a cabeça.

— Cadê a Vickie? — sussurrou ela com a voz rouca.

— Não sei. Tive que soltar a mão dela para puxar você daquela coisa. Vamos.

Bonnie a puxou de volta.

— Mas por que ela não está gritando?

Um tremor tomou o corpo de Meredith.

— Não sei.

— Ah, meu Deus. Ah, meu Deus. Não podemos deixá-la, Meredith.

— *Temos* que fazer isso.

— *Não podemos*, Meredith. Eu convenci Caroline a convidar Vickie. Se não fosse por mim, ela não estaria aqui. Temos que tirá-la daqui.

Houve uma pausa, depois Meredith sibilou:

— Tá bom! Mas você escolhe umas horas muito esquisitas para ser nobre, Bonnie.

Uma porta se fechou e as duas deram um pulo. Depois o som de alguma coisa batendo, como passos na escada, pensou Bonnie. E, brevemente, uma voz se elevou.

— Vickie, cadê você? Não... Vickie, não! Não!

— Essa foi a Sue — disse Bonnie, ofegante, num salto. — Veio da escada!

— Por que não temos uma *lanterna*? — Meredith estava furiosa.

Bonnie entendeu o que ela quis dizer. Estava escuro demais para correr às cegas pela casa; era apavorante demais. Havia um pânico primitivo martelando em seu cérebro. Ela precisava de luz, qualquer luz.

Bonnie não podia voltar a tatear o escuro, exposta de todos os lados. Não *podia* fazer isso.

Entretanto, deu um passo trêmulo para longe da poltrona.

— Vamos — disse Bonnie ofegante, e Meredith a acompanhou, passo a passo, pelo escuro.

Bonnie ainda esperava que a mão quente e úmida a alcançasse e a pegasse de novo. Cada centímetro de sua pele formigava de expectativa desse toque, em especial a própria mão, que ela mantinha estendida para reconhecer o caminho.

E ela cometeu o erro de se lembrar do sonho.

Imediatamente, o cheiro doce e enjoativo de lixo a tomou. Bonnie imaginou coisas se rastejando e se lembrou da cara de Elena, cinza e careca, com lábios murchos nos dentes arreganhados. *Se essa coisa a pegasse...*

Não posso avançar mais; não posso, não posso, pensou ela. Lamento por Vickie, mas não posso continuar. Por favor, me deixa parar aqui.

Ela estava agarrada a Meredith, quase chorando. Depois, do segundo andar, veio o som mais apavorante que Bonnie ouviu na vida.

Foi uma série de ruídos, mas todos em sequência, formando uma onda de barulho terrível. Primeiro houve gritos, Sue aos berros, “Vickie! Vickie! Não!” Depois um baque alto, vidro se quebrando, como se cem janelas se espatifassem de uma vez. E por cima disso um grito contínuo, de puro e intenso terror.

E então tudo parou.

— *O que foi isso?* O que houve, Meredith?

— Alguma coisa ruim. — A voz de Meredith era tensa e sufocada. — Alguma coisa muito ruim. Bonnie, me solta. Vou lá ver.

— Sozinha não, não pode ir sozinha — disse Bonnie com veemência.

Elas acharam a escada e subiram. Quando chegaram ao patamar, Bonnie podia ouvir um som esquisito e estranhamente nauseante, o tinido de cacos de vidro caindo.

E então as luzes se acenderam.

Foi repentino demais; Bonnie gritou sem querer. Virando-se para Meredith, quase gritou de novo. O cabelo preto de Meredith estava desgrenhado e as maçãs do rosto pareciam acentuadas demais; o rosto era pálido e encovado de medo.

E o tinido continuava.

Era *pior* com a luz acesa. Meredith ia para a última porta do corredor, de onde vinha o barulho. Bonnie a seguiu, mas de repente entendeu, em seu íntimo, que não queria ver o que estava dentro daquele quarto.

Meredith abriu a porta. Ficou paralisada por um minuto na soleira e avançou rapidamente para dentro. Bonnie partiu para a porta.

— *Ai, meu Deus, não entre!*

Bonnie não hesitou. Enfiou-se porta adentro, mas se deteve de repente. À primeira vista, parecia que toda a lateral da casa desaparecera. As janelas francesas que ligavam o quarto principal à sacada pareciam ter explodido para fora, a madeira lascada, o vidro espatifado. Cacos pequenos de vidro pendiam precariamente aqui e ali nos restos dos caixilhos, tinindo ao cair.

Cortinas brancas e diáfanas flutuavam ao sabor do vento, para dentro e para fora do buraco que agora havia na casa. Na frente, em silhueta, Bonnie pôde ver Vickie. Estava de pé, com as mãos ao lado do corpo, imóvel como um bloco de pedra.

— Vickie, você está bem? — Bonnie ficou tão aliviada ao vê-la viva que chegava a doer. — Vickie?

Vickie não se virou, nem respondeu. Bonnie a contornou com cautela, observando em seu rosto. Vickie olhava apenas

para a frente, as pupilas mínimas. Respirava curto, assoviando, o peito se erguendo.

— Eu sou a próxima. Ele disse que eu sou a próxima — sussurrava sem parar, mas não parecia falar com Bonnie. Nem parecia ver que Bonnie estava ali.

Tremendo, Bonnie cambaleou. Meredith estava na sacada. Virou-se enquanto Bonnie chegava às cortinas e tentou impedir sua passagem.

— Não olhe. Não olhe para baixo — disse ela.

Para baixo *onde?* De repente Bonnie entendeu. Passou esbarrando em Meredith, que a pegou pelo braço para impedi-la de ficar à beira de uma queda vertiginosa. A grade da sacada tinha sido arrancada como as janelas francesas e Bonnie podia ver o jardim iluminado embaixo. No chão, havia uma figura retorcida como uma boneca quebrada, braços e pernas tortos, o pescoço num ângulo grotesco, o cabelo louro em leque no chão escuro do jardim. Era Sue Carson.

Em toda a confusão que se passou depois disso, dois pensamentos competiam pela mente de Bonnie. Um era que Caroline nunca teria seu quarteto de novo. Outro era que não era justo que isso tivesse acontecido no aniversário de Meredith. Simplesmente não era justo.

— Desculpe, Meredith. Não acho que ela esteja disposta agora.

Apática, Bonnie ouviu a voz do pai na porta da frente enquanto colocava o adoçante numa xícara de chá de camomila. Ela baixou a colher de pronto. Não estava era disposta a

ficar sentada na cozinha por nem mais um minuto. Precisava sair.

— Eu vou ficar bem, pai.

A aparência de Meredith era ainda pior que a da noite anterior: a cara abatida, os olhos sombrios. A boca se apertava numa linha estreita.

— Só vamos dar um passeio de carro — disse Bonnie ao pai. — Talvez ver o pessoal. Afinal, você mesmo disse que não tem perigo, né?

O que ele poderia dizer? O sr. McCullough baixou os olhos para sua filha baixinha, que empinava o queixo teimoso que herdara dele e o fitava nos olhos com franqueza. Ele levantou as mãos.

— Já são quase quatro horas. Volte antes do anoitecer — disse ele.

— Como se fizesse alguma diferença — disse Bonnie a Meredith enquanto ia para o carro da amiga. Depois de entrarem, as duas trancaram rapidamente as portas.

Enquanto Meredith engrenava o carro, lançou para Bonnie um olhar de compreensão amarga.

— Seus pais também não acreditam em você.

— Ah, acreditam em tudo o que conto a eles... Menos no que é realmente importante. Como podem ser tão *idiotas*?

Meredith soltou uma risada curta.

— Precisa entender o ponto de vista deles. Eles acharam um cadáver sem marca nenhuma, só as que foram provocadas pela queda. Descobriram que houve um apagão no bairro por causa de um defeito na Virginia Electric. Eles nos encontraram, histó-

ricas, dando respostas que devem ter parecido muito esquisitas. Quem fez isso? Um monstro com mãos suadas. Como sabemos? Nossa amiga morta Elena nos contou tudo através de uma tábua Ouija. Não é de admirar que tenham lá suas dúvidas.

— Se eles nunca tivessem visto nada assim na vida — disse Bonnie, batendo na porta do carro com o punho. — *Mas eles já viram*. Será que acham que inventamos aqueles cães que atacaram no Baile da Neve do ano passado? Eles acham que Elena foi morta por uma fantasia?

— Já estão se esquecendo — respondeu Meredith com brandura. — Você mesma previu. A vida voltou ao normal e todo mundo em Fell's Church se sente mais seguro assim. Todos acham que acordaram de um pesadelo, e a última coisa que querem é entrar nele de novo.

Bonnie se limitou a balançar a cabeça.

— Então é mais fácil acreditar que um bando de adolescentes surtou brincando com uma tábua Ouija, e que quando a luz voltou entraram em pânico e fugiram. Mas uma delas ficou tão apavorada e confusa que se atirou correndo por uma janela.

— Eu queria que Alaric estivesse aqui — disse Meredith depois de um instante de silêncio.

Normalmente, Bonnie teria lhe dado um cutucão nas costelas e dito, “E *eu* também”, numa voz meio depravada. Alaric era um dos caras mais bonitos que ela já vira na vida, mesmo que tivesse apenas 22 anos de idade. Agora, ela só deu um apertão desconsolado no braço de Meredith.

— Não dá para você ligar para ele?

— Na Rússia? Nem sei *onde* ele está na Rússia.

Bonnie mordeu o lábio.

Depois elas se sentaram eretas. Meredith entrava na Lee Street, e no estacionamento da escola elas podiam ver uma multidão.

Ela e Meredith trocaram olhares e Meredith assentiu.

— A gente pode tentar — disse ela. — Vamos ver se eles são mais inteligentes do que os pais.

Bonnie podia ver os rostos assustados virando-se enquanto o carro manobrava lentamente pelo estacionamento. Quando ela e Meredith saíram, as pessoas recuaram, abrindo caminho para as duas até o meio do grupo.

Caroline estava ali, segurando os cotovelos com as mãos e balançando o cabelo castanho-arruivado, distraidamente.

— Só vamos dormir naquela casa de novo depois que for reformada — dizia ela, tremendo em seu suéter branco. — Papai disse que vamos ficar num apartamento em Heron até que tenham acabado.

— Que diferença isso faz? Ele pode seguir você até Heron, eu sei disso — disse Meredith.

Caroline se virou, mas os olhos verdes de gata não encontraram os de Meredith.

— Quem? — disse ela, vagamente.

— Ah, Caroline, você também não! — Bonnie explodiu.

— Eu só quero ir embora daqui — disse Caroline. Seus olhos se ergueram e por um instante Bonnie viu que ela estava apavorada. — Não aguento mais. — Como se tivesse de provar o que dizia naquele minuto, ela abriu caminho aos empurrões pela multidão.

— Deixe Caroline ir, Bonnie — disse Meredith. — É inútil.

— *Ela é inútil* — disse Bonnie, furiosa. Se Caroline, que *sabia*, agia daquela maneira, o que dizer do resto das pessoas?

Ela viu a resposta em cada expressão que a cercava. Todo mundo parecia assustado, apavorado, como se Bonnie e Meredith tivessem levado uma doença medonha a todos. Como se ela e Meredith fossem o problema.

— Não acredito nisso — murmurou Bonnie.

— Eu também não acredito — disse Deanna Kennedy, amiga da Sue. Estava na frente da multidão e não parecia tão inquieta como os outros. — Conversei com Sue ontem à tarde e ela estava tão feliz. Ela *não pode* estar morta. — Deanna começou a chorar. O namorado a abraçou e várias outras meninas começaram a chorar também. Os meninos na multidão pareciam inquietos, uma expressão rígida em cada rosto.

Bonnie sentiu uma pequena onda de esperança.

— E ela não será a única a morrer — acrescentou. — Elena nos disse que toda a cidade corre perigo. Elena disse... — Contra sua própria vontade, Bonnie ouviu sua voz falhar. Podia ver, pelo modo como a olharam quando falou no nome de Elena. Meredith tinha razão; eles deixaram para trás tudo o que aconteceu no inverno anterior. Não acreditavam mais.

— Qual é o *problema* de vocês todos? — disse ela, desamparada, querendo bater em alguma coisa. — Não podem realmente achar que Sue se atirou daquela sacada!

— As pessoas estão dizendo... — O namorado de Deanna começou e deu de ombros, na defensiva. — Bom... vocês con-

taram à polícia que Vickie Bennett estava no quarto, né? E agora ela está maluca de novo. E só um pouquinho antes vocês ouviram Sue gritar, “Não, Vickie, não!”, não foi?

Parecia a Bonnie que o ar tinha sido arrancado dela.

— Acham que *Vickie*... ah, meu Deus, vocês estão loucos! Escutem aqui. Alguma coisa pegou minha mão naquela casa, e *não era* Vickie. E Vickie não atirou Sue da sacada.

— Ela nem tem força para tanto, para começar — disse Meredith. — Ela, pesa no máximo, uns 43 quilos.

Alguém do fundo da multidão murmurou sobre gente maluca ter poderes sobre-humanos.

— Vickie tinha histórico de doença mental...

— Elena nos disse que era um homem! — Bonnie quase gritou, perdendo a batalha com o autocontrole. As expressões que se viraram para ela eram sérias e inflexíveis. Depois ela viu um rosto que fez seu peito relaxar. — Matt! Diga a eles que você acredita na gente.

Matt Honeycutt estava parado na margem com as mãos nos bolsos e a cabeça loura tombada. Agora levantou a cabeça, e o que Bonnie viu em seus olhos azuis lhe tirou o fôlego. Não eram duros nem severos como os dos outros, mas estavam cheios de um desespero que era igualmente ruim. Ele deu de ombros sem tirar as mãos dos bolsos.

— Por mais estranho que pareça, eu acredito em vocês — disse ele. — Mas que diferença faz? Vai dar no mesmo, de qualquer maneira.

Era algo inédito em sua vida, mas Bonnie ficou sem fala. Matt andava perturbado desde que Elena morreu, mas isto...

— Então ele acredita — dizia Meredith, tirando proveito do momento. — Agora, o que temos de fazer para convencer vocês todos?

— Incorporar o Elvis pra gente, talvez — disse uma voz que de imediato fez o sangue de Bonnie ferver. Tyler. Tyler Smallwood. Arreganhando os dentes brancos e fortes feito um macaco, vestindo seu caríssimo suéter Perry Ellis. — Não é tão bom quanto psicografar a mensagem de uma Rainha do Baile morta, mas dá pro gasto — acrescentou.

Matt sempre dizia que aquele sorriso pedia um murro no nariz. Mas Matt, o único cara no grupo grande o suficiente para enfrentar Tyler, fitava estupidamente o chão.

— Cala a boca, Tyler! Você não sabe o que aconteceu naquela casa — disse Bonnie.

— Bom, ao que parece, nem vocês. Se não estivessem escondidas na sala, teriam visto o que aconteceu. Então alguém poderia até acreditar em vocês.

A resposta de Bonnie morreu em sua língua. Ela encarou Tyler, chegou a abrir a boca, depois desistiu. Tyler esperou. Como Bonnie não respondeu, ele arreganhou os dentes de novo.

— Aposto toda a minha grana como foi Vickie — disse ele, piscando para Dick Carter, ex-namorado de Vickie. — Ela é uma garotinha forte, né, Dick? *Pode muito bem* ter feito isso. — Ele se virou e acrescentou deliberadamente por sobre o ombro. — Ou então aquele cara, o Salvatore, voltou à cidade.

— Seu nojento! — gritou Bonnie. Até Meredith gritou, inconformada. Afinal, à menção do nome de Stefan, é claro que

se fez um pandemônio, exatamente como Tyler devia saber que aconteceria. Todo mundo se virava para a pessoa ao lado e comentava algo com alarme, pavor, excitação. Principalmente as meninas, que pareciam mais agitadas.

Mas isso deu um fim definitivo à reunião. Antes as pessoas já estavam se afastando disfarçadamente, agora se separaram em grupos de dois ou três, discutindo e partindo às pressas.

Bonnie os olhou com raiva.

— Imagine se tivessem acreditado em vocês. O que querem que eles façam? — disse Matt. Bonnie não havia percebido que ele estava atrás dela.

— Não sei. Qualquer coisa diferente de ficar parado esperando ser atacado. — Ela tentou olhar na cara dele. — Matt, você está bem?

— Não sei. Você está?

Bonnie pensou.

— Não. Quero dizer, de certo modo estou surpresa por estar tão bem, porque, quando Elena morreu, eu simplesmente não aguentei. Mesmo. Mas eu não era tão próxima de Sue, e além de tudo... Não sei! — Bonnie teve vontade de bater em alguma coisa de novo. — É simplesmente demais!

— Você está chateada.

— É, estou chateada. — De repente Bonnie compreendeu os sentimentos que a rondaram o dia todo. — Matar Sue não foi só errado, foi *cruel*. Verdadeiramente cruel. E quem fez isso não vai se safar. Isso seria... Se o mundo é assim, um lugar onde isso pode acontecer sem punição nenhuma... Se a verdade é essa... — Ela descobriu que não tinha como terminar.

— Então o quê? Não quer mais viver aqui? E se o mundo *for mesmo* assim?

Os olhos de Matt estavam tão perdidos, tão amargurados. Bonnie tremia. Mas disse com firmeza:

— Eu não vou *deixar* que fique assim. E nem você.

Ele simplesmente a olhou como se ela fosse uma criança insistindo que Papai Noel existia.

Meredith se manifestou.

— Se esperarmos que os outros nos levem a sério, é melhor que a gente se leve a sério. Elena *se comunicou* com a gente. Ela queria que fizéssemos alguma coisa. Agora, se vamos acreditar nisso, é melhor pensarmos no que significa.

A expressão de Matt se retorceu ao ouvir o nome de Elena. Coitado, ele ainda é apaixonado por ela, como sempre foi, pensou Bonnie. Será que existe alguma coisa que o faça esquecer?

— Vai nos ajudar, Matt? — disse Bonnie.

— Vou ajudar — disse Matt em voz baixa. — Mas ainda não sei o que vocês pretendem fazer.

— Vamos deter esse assassino lunático antes que ele mate mais alguém — disse Bonnie. Era a primeira vez que percebia plenamente que era isso que pretendia fazer.

— Sozinhas? Porque vocês estão sozinhas, sabem disso.

— *Nós três* estamos sozinhos — Meredith o corrigiu. — Mas era o que Elena tentava nos dizer. Ela disse que tínhamos de fazer um feitiço de invocação para pedir ajuda.

— Um feitiço fácil, só dois ingredientes — Bonnie se lembrou do sonho. Estava ficando animada. — E ela disse que já havia dito quais eram os ingredientes... só que não falou.

— Ontem à noite ela disse que havia influências perversas distorcendo a comunicação — disse Meredith. — Para mim, parece o que aconteceu no seu sonho. Acha que era realmente Elena que estava tomando chá com você?

— Acho — disse Bonnie, com segurança. — Quero dizer, sei que não estávamos realmente num chá maluco em Warm Springs, mas acho que Elena mandava essa mensagem para meu cérebro. E aí, no meio do sonho, alguma coisa a possuiu e empurrou Elena para fora. Mas ela lutou, e por um minuto recuperou o controle no final.

— Tá bom. Então isso quer dizer que temos de nos concentrar no começo do sonho, quando ainda era Elena se comunicando com você. Mas se o que ela dizia já estava sendo distorcido por outras influências, talvez tenha saído estranho. Talvez não tenha sido uma coisa que ela disse, talvez seja alguma coisa que ela fez...

A mão de Bonnie voou até os cachos.

— Cabelo! — exclamou ela.

— O quê?

— Cabelo! Eu perguntei quem fazia o cabelo dela e conversamos sobre isso, e ela disse, “O cabelo é muito importante”, e Meredith... Quando ela tentava nos falar dos ingredientes ontem à noite, a primeira letra de um deles era C!

— É isso mesmo! — Os olhos escuros de Meredith faiscavam. — Agora só temos de pensar no outro.

— Mas eu sei esse também! — O riso de Bonnie borbulhava, exuberante. — Ela me disse logo depois de falarmos de cabelo e achei que ela só estava estranha. Disse: “O sangue também é importante.”

Meredith fechou os olhos, apreendendo tudo aquilo.

— E ontem à noite a tábua Ouija disse “sangesanguesangue”. Pensei que era a outra coisa nos ameaçando, mas não era — disse Meredith, e abriu os olhos. — Bonnie, acha que é isso mesmo? São esses os ingredientes, ou temos de começar a nos preocupar com lama, sanduíches de rato e chá?

— Os ingredientes são esses — disse Bonnie com firmeza. — São do tipo que faz sentido para um feitiço de invocação. Sei que posso achar um ritual que tenha a ver com eles nos meus livros de magia celta. Só temos que pensar na pessoa que vamos invocar... — Alguma coisa ocorreu-lhe, e a voz de Bonnie dissipou-se frente ao horror.

— Eu estava mesmo me perguntando quando é que você se tocaria — disse Matt, falando pela primeira vez por um bom tempo. — Vocês não sabem quem é, estou certo?